



José Cardoso Pires

O Dr. Jekyll e o Capitão Hyde

DEPUTADÍSSIMO DE superfície inconformista para reabilitar o conservantismo mais miguelista do seu Partido, um médico do Norte veio cá abaixo afirmar que nos encontramos em risco de peste intelectual (ou coisa assim), porque a Polícia de Segurança Pública está a ser anarquizada por sórdidas manobras do Governo contra os chefes militares que hoje e sempre a prestigiaram pela sensibilidade humana e pela pedagogia do seu exercício.

Dum deputadíssimo científico como o dr. Luís Filipe de Menezes ninguém pode duvidar, sobretudo porque vem do consulado Dias Loureiro que tantas garantias trouxe à segurança dos cidadãos. Ouvindo-o, depreende-se, e muito bem, que a Guarda Republicana e a PSP são incorruptíveis e que, se o actual ministro da Administração Interna disser o contrário, com certeza que se lixa bem lixado.

Claro que o Deputadíssimo Menezes tem um conhecimento vaguíssimo de que, aqui e ali, os comandos da PSP e da GNR se contradizem em mentiras de fazer rir para justificarem os crimes contra os direitos humanos praticados pelos seus subordinados. Também sabe das corrupções policiais em droga e em suborno, das chantagens e do muito mais que a subversiva máfia dos jornalistas tem vindo a denunciar, mas o seu realismo político impõe-lhe tolerância, serenidade. Para ele, as excepções indignas só confirmam a regra das tradições honrosas e foi por isso que o dr. Dias Loureiro, antes de ser apeado de ministro, tranquilizou o general-comandante da Polícia dizendo-lhe que podia ficar orgulhoso dos seus homens.

O general ficou. Só estranhava era que “cidadãos responsáveis e órgãos também responsáveis contribuísem para o desrespeito da autoridade do Estado”. (Por absoluta carência de subtilidade castrense, fiquei sem perceber se os responsáveis insinuados seriam o Presidente ou o Procurador-Geral da República, o Ministério Público, o Poder Judicial, a Imprensa — essa corja — ou a Polícia Judiciária, protagonistas, todos eles, de um exagero de independên-

Deputadíssimo de superfície inconformista, um médico do Norte veio cá abaixo afirmar que nos encontramos em risco de peste intelectual, porque a Polícia de Segurança Pública está a ser anarquizada por sórdidas manobras do Governo contra os chefes militares que hoje e sempre a prestigiaram pela sensibilidade humana e pela pedagogia do seu exercício. Ouvindo-o, depreende-se que a Guarda Republicana e a PSP são incorruptíveis e que, se o actual ministro da Administração Interna disser o contrário, com certeza que se lixa bem lixado.

cia que, francamente, tem prejudicado alguns “mal-entendidos”, passe a expressão, que ocorrem nas forças de segurança).

Médico de formação (mas militar em pijama, deduzo eu) o Deputadíssimo receia acima de tudo que a PSP se torne uma força civil. Que, em vez dum general de pingalim, lhe apareça pela frente um cidadão à futrica, todo artilhado em leis e em humanismos. Não. A aceitar um civil, só um Mr. Hyde à Boris Karloff como aquele que inventou o seu colega Dr. Jekyll é que fazia sentido. Um Mr. Hyde mas com cara de “serial murderer” e enxertado em alma de capitão mercenário.

Isto porque o que se quer é Segurança, mas da boa, da musculada e, nesse sentido, até se pode invocar uma tradição que vem do Portugal de Salazar. Lembro o célebre Maia Loureiro, durante o dia capitão-máximo da Polícia de Lisboa e de noite brigadeiro-passo doble das espanholas do cabaré Maxim’s; o capitão Agostinho Lourenço, chefe da Polícia Política, a subir o

Chiado a passo martelado (aquilo, sim, era autoridade!) e o que lhe veio a seguir, o Silva Pais da PIDE, muito dado ao violino e ao “De Profundis” sem testemunhas; depois é a vez do tenente Fogaça da esquadra dos Terramotos; do intrépido Carrajola, tenente da GNR que assassinou a camponesa Catarina Eufémia; do capitão Maltez, que punha na ordem a corja universitária — enfim, um memorial de profissionais sensíveis, graças aos quais “dos agravos e das astúcias se protegiam os desvalidos pelos soldados que guardavam a paz das ruas”, como dizia Diogo do Couto.

Portanto, Polícia sem militares à cabeça, é peste certa — diagnostica o médico Deputadíssimo, com uma mão sobre o “Corpus” de Hipócrates e outra na Constituição. Verdade que um “feldmarschall” Spínola, desertor de monóculo cifrado, um Soares Carneiro, “obersturmbannführer” do campo de concentração de São Nicolau, ou um Kaúlza do “Nó Górdio”, em vitórias de guerra aberta nunca foram grande coisa, mas na porrada aos civis os que fizeram o sacrifício cumpriram que se fartaram.

Como cidadão, devo uma das razões mais orgulhosas de me afirmar português aos capitães do 25 de Abril. Através deles, não só ganhei a liberdade como aprendi que o militar corajoso é aquele que tem uma forte consciência civil. Muitos outros lhes prolongaram o exemplo com o seu humanismo e a sua coragem inteligente, mas ainda há uns poucos (cada vez menos, espero) que ainda hoje se mitificam em falcões e que não perceberam que a guerra do Golfo foi o prefácio de uma nova idade militar.

Destes exemplares ultrapassados falou Einstein num texto que se tornou universal. Se o Deputadíssimo médico o conhece, como homem de ciência que é, aceitará que se trata da descrição dum Mr. Hyde mil vezes mais inquietante do que aquele que inventou Stevenson. Uma equação do Bem e do Mal muito mais sucinta e mais assustadora. ●